

EXCLUSIVO

Oferecer artigo 5

ARTES

Cabo Verde quer promover a arte, o artesanato e o design “sem hierarquias nem complexos”

Inaugurou este sábado na cidade do Mindelo, em São Vicente, a primeira instituição cultural construída de raiz em Cabo Verde para acolher exposições nacionais e internacionais, residências artísticas e servir de base para um arquivo documental e artístico da produção de arte tradicional e contemporânea do país.

Mariana Duarte no Mindelo

31 de Julho de 2022, 17:49

 VER GALERIA





Ouçá este artigo aqui

00:00

Depois de vários quilómetros a subir até ao Alto Bomba, bairro no topo do Mindelo que nos dá uma visão muito pouco deslumbrada e paradisíaca da capital de São Vicente, ainda que envolto por uma panorâmica bastante memorável, conseguimos, inesperadamente, avistar o Centro Cultural de Arte, Artesanato e Design de Cabo Verde (CNAD).

O *puzzle* multicolor da fachada, feito a partir de tampas de bidons - bidons que também vemos no Alto Bomba e noutras zonas periféricas da cidade, usados inclusive em casas de lata - é um dos elementos distintivos e simbólicos deste novo projecto, a primeira instituição cultural construída de raiz em Cabo Verde para acolher exposições, residências artísticas e servir de base para um arquivo documental e artístico da produção de arte tradicional e contemporânea cabo-verdiana.

“Tudo chega a Cabo Verde através de bidons, desde o conhecimento ao champô, do arroz às gangas, enviados pela nossa diáspora. O bidon, usado também na periferia para várias soluções, acaba por codificar uma dimensão social, cultural e económica do país”, diz ao PÚBLICO Irlando Ferreira, gestor cultural e director do CNAD. “O modo como olhamos para esta matéria-prima tem uma voz política.”

Expandir o acesso à cultura, ao mesmo tempo que se procura valorizar, desenvolver e internacionalizar o artesanato, o design e outras linguagens artísticas criadas a partir de Cabo Verde, são as principais missões do CNAD. Simbolicamente, ajustadamente, o tiro de partida da inauguração teve lugar, este sábado, na Praça Amílcar Cabral (<https://www.publico.pt/2022/01/20/culturaipsilon/ensaio/golpe-falhado-levou-assassinato-amilcar-cabral-1992501>) (também conhecida como Praça Nova), o grande revolucionário da luta pela independência de Cabo Verde e da Guiné-Bissau do jugo colonial português, figura omnipresente um pouco por todo o Mindelo.



40 anos de independências

Em 1975, grande parte das antigas colónias portuguesas em África alcançaram a independência. Ao longo deste ano, o PÚBLICO tomou o pulso das mudanças registadas nas últimas quatro décadas.

[Ler isto em acervo.publico.pt >](#)

"Dar ao povo o que é do povo"

O arranque do programa inaugural, aberto à cidade, fez-se com a performance *A Coroa das Cabras na Urdidura dos Sonhos*, do dramaturgo, escritor e professor Caplan Neves, nome de relevo do teatro contemporâneo cabo-verdiano que no ano passado trabalhou com o Teatro Nacional São João (TNSJ) no espectáculo *KastroKriola* (<https://www.publico.pt/2021/06/09/culturaipsilon/noticia/amor-impossivel-pedro-ines-relacao-lesbica-cabo-verde-fundo-1965896>), um dos primeiros resultados de um [acordo de cooperação](http://www.publico.pt/2021/04/14/culturaipsilon/noticia/teatro-nacional-sao-joao-celebra-centenario-programar-1958573) (<http://www.publico.pt/2021/04/14/culturaipsilon/noticia/teatro-nacional-sao-joao-celebra-centenario-programar-1958573>) celebrado em 2019 entre o Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde e o TNSJ.

De enxada ao ombro, a solo, Caplan Neves lançou um texto tão poético quanto cortante. Uma espécie de gospel sem música em que compõe um retrato apaixonado e impiedoso do passado e do presente de Cabo Verde (<https://www.publico.pt/cabo-verde>), endereçando a colonização, a luta pela independência, a emigração e a procura por melhores condições de vida (actualmente há 560 mil habitantes no país e quase um milhão a viver fora, sobretudo nos EUA, em Portugal e em França), o desinvestimento na educação e, sobretudo, a pobreza que não cessa - e fê-lo em frente aos vários representantes do Governo sentados na primeira fila, entre eles o primeiro-ministro, José

Ulisses Correia e Silva, e o ministro da Cultura e Indústrias Criativas, Abraão Vicente. No final, ficou o grito “dar ao povo o que é do povo”, ecoado, de punho erguido, por alguns cidadãos na plateia. Amílcar Cabral ficaria orgulhoso.



Isso é também um acto de descolonização, uma visão muito marcada pelo Amílcar Cabral que dizia que sem independência cultural não há independência política.”

Adélia Borges, curadora e professora brasileira especializada em design e artesanato

E são as suas palavras que encontramos no início do percurso expositivo, num documento de arquivo do CNA - Centro Cultural de Artesanato, projecto fundado em 1976 pelos artistas e professores Manuel Figueira, Luísa Queirós e Bela Duarte que é o prólogo desta história toda. “Devemos também procurar desenvolver o nosso artesanato”, dizia o fundador do PAIGC - Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde.

Um repto que foi levado muito a sério pelo núcleo fundador do CNA, e a que o CNAD tem dado continuidade desde 2011, antes de esta nova e mais completa casa ter sido projectada. Em particular desde 2015, quando Irlando Ferreira assumiu a direcção e encabeçou um processo de reorganização, profissionalização e valorização do artesanato feito em Cabo Verde, que passou, entre outras iniciativas, pela criação da URDI - Feira de Artesanato e Design de Cabo Verde e pela implementação de um estatuto profissional dos artesãos e unidades de produção.

“Logo a seguir à independência, Manuel Figueira, Luísa Queirós e Bela Duarte fundaram a Cooperativa Resistência, que deu origem ao CNA, com o objectivo de preservar, promover e multiplicar saberes e técnicas desenvolvidas através de mestres artesãos

cabo-verdianos, como Nhô Gringa e Nhô Damásio”, explica o director do CNAD. Em vários aspectos, o novo centro está ancorado na história edificada e preservada por este núcleo fundador, que dá nome a três das quatro galerias.

nato não é considerado uma arte inferior, não temos esses complexos”, afirma Irlando Ferreira
.D

A primeira, Galeria Manuel Figueira, acolhe a exposição permanente *Criação Cabo-Verdiana: Percursos*, com curadoria de Irlando Ferreira e Adélia Borges, curadora e professora brasileira especializada em design e artesanato. Aqui apresenta-se uma selecção de obras de várias tipologias, genealogias e matérias-primas, inscritas entre 1890 e 2021, ao mesmo tempo que se dá conta do trabalho de documentação, reinterpretação e ampliação de técnicas populares levado a cabo pelos fundadores do CNA.

“Manuel Figueira e Luísa Queirós formam-se em Belas Artes, em Lisboa, e juntam-se em Cabo Verde com Bela Duarte. Em vez de se terem dedicado apenas às suas carreiras e de se virarem para a Europa, eles fazem uma investigação e recolha profundas nas ilhas e homenageiam os grandes criadores”, enquadra Adélia Borges. “Isso é também um acto de descolonização, uma visão muito marcada pelo Amílcar Cabral que dizia que sem independência cultural não há independência política.”

A primeira aposta do CNA foi na tecelagem, praticada em Cabo Verde desde o século XVI, em particular a panaria. “É algo totalmente característico do território. Os padrões geométricos feitos em algodão são extremamente complexos e requintados”, descreve a curadora. “Manuel Figueira começa a decupar matematicamente esses padrões, numa era pré-computador, e começa a fazer também as suas peças, introduzindo uma nova técnica, o batique”, acrescenta. “Hoje fala-se muito neste diálogo entre pessoas formadas e as que não têm percurso académico, e isso está aqui desde o começo.”

Essa desierarquização da produção artística reflecte-se também na forma cruzada e complementar como se olha para o artesanato, o design e a arte contemporânea. “Aqui o artesanato não é considerado uma arte inferior, não temos esses complexos”, afirma Irlando Ferreira. “A arte, o design e o artesanato estão no mesmo patamar, o que muda é a competência de cada um. A relação horizontal e sincera que continua a existir entre jovens criadores e gerações mais velhas é a génese do nosso trabalho. O próprio centro trabalhará no sentido de integrar várias linguagens, quer no cruzamento, quer individualizando-as.”

Também para dar corpo a esse trabalho, o CNAD pretende investir na formação de jovens na curadoria e na programação “ligadas à áreas da museologia e do design expositivo”, áreas “pouco desenvolvidas em Cabo Verde”.

Virado para o mundo

Continuando no percurso das exposições, mas passando para as temporárias (ficam até Fevereiro de 2023), na Galeria Luísa Queirós encontra-se *FIOS - Tapeçaria de Cabo Verde*. Com curadoria de Irlando Ferreira, propõe-se um perspectivado intergeracional na

tapeçaria, com três gerações de artistas, artesãos e artesãs, como Manuel Figueira, Joana Pinto, João Fortes, Marcelino dos Santos e Alex da Silva. Este último, falecido em 2019, é um dos artistas contemporâneos mais relevantes de Cabo Verde, a par da coreógrafa e bailarina Marlene Monteiro Freitas (<https://www.publico.pt/marlene-monteiro-freitas>) - na Galeria Bela Duarte assiste-se a um “encontro” entre ambos, numa extensão da performance *Idiota*, de Marlene, que também foi apresentada nesta inauguração.



O CNAD pretende investir na formação de jovens na curadoria e na programação “ligadas à áreas da museologia e do design expositivo”, áreas “pouco desenvolvidas em Cabo Verde”

Comissariado pelo CNAD, este espectáculo-instalação é um dos trabalhos marcadamente mais plásticos da coreógrafa. Feito dentro de uma cápsula, numa reinterpretação da Caixa de Pandora, *Idiota* acaba por condensar a cosmogonia muito própria de Marlene Monteiro Freitas, nutrida e desvairada pela mitologia, pela cultura pop, pelos carnavais de São Vicente e outras festas populares de Cabo Verde.

No que toca aos espaços expositivos, há ainda a Galeria Zero, numa referência à galeria Zero Point Art, fundada no Mindelo por Alex da Silva. Aqui a programação será dedicada a artistas emergentes, de Cabo Verde e de África, mas não só. “Apesar de uma das nossas missões ser promover e internacionalizar a arte cabo-verdiana, não vamos fechar fronteiras. A arte é tipo água: se é potável para mim, é potável para ti”, sublinha Irlando Ferreira. Por agora, esta galeria é ocupada pela exposição *Fundação e Emergência*, do fotógrafo Diogo Bento, que documenta o processo de ampliação e requalificação do CNAD.

Assinado pelo gabinete Ramos Castellano Arquitectos, esse projecto passou por duas etapas: a reabilitação do antigo edifício e a construção de um novo. No caso do primeiro, as origens remontam àquela que foi a residência do senador Vera-Cruz, nos finais do século XIX. “Ele cedeu a sua casa para se fazer ali o primeiro liceu de Cabo Verde no

período colonial. A partir de então, este edifício vai impregnar-se na génese desta cidade e deste país”, contextualiza o director do CNAD. Foi, entre outras vidas, a sede da Rádio Voz de Cabo Verde e da Rádio Barlavento, onde Cesária Évora (<https://www.publico.pt/2011/12/18/jornal/cesaria-evora-morreu-a-senhora-musica-do-mundo-23637710>) gravou o primeiro disco, e um grémio cultural frequentado pela elite. “Deitámos abaixo os muros, de forma a que seja um espaço que se conecte com a cidade”, assinala Irlando Ferreira. “A questão da acessibilidade é muito importante quando tratamos da questão pública, sobretudo a museológica.”

Já na nova construção deu-se privilégio a matérias-primas locais e a uma lógica de sustentabilidade. Além de se terem realizado *workshops* de materiais recicláveis com artesãos cabo-verdianos (“porque a construção e a execução também é design”, nota Irlando Ferreira), a fachada composta pelas tampas de bidons funciona “como uma segunda pele”, permitindo regular a entrada de luz e a temperatura no interior sem recorrer a ar condicionado.

Orçamentado em 150 mil contos (cerca de um 1,4 milhões de euros), provenientes do Fundo de Turismo do Governo de Cabo Verde, o CNAD fica completo com a Biblioteca e Centro de Investigação Nhô Damásio, a partir do qual se pretende fazer parcerias com outras instituições, como a Fundação Gulbenkian; o LEAD - Laboratório Experimental de Arte, Artesanato e Design, plataforma para estimular “trocas e competências entre ilhas e artesãos”; um espaço para residências artísticas; um espaço de acervo; uma loja, um café e um pátio multiusos onde terão lugar feiras, concertos, instalações artísticas, formações.

água: se é potável para mim, é potável para ti", diz Irlando Ferreira, gestor cultural e director do
A CNAD

Foi neste pátio, que faz a conexão entre o edifício novo e o antigo, que terminou a festa de inauguração do CNAD. Petiscos cabo-verdianos, grogue e música a condizer (cortesia de DJ Letra), numa pista de dança onde se cruzaram mindelenses de várias classes sociais. “Estou curioso com isto, espero que seja realmente um centro cultural para todos os cidadãos”, dizia-nos Vítor, lixeiro, nessa mesma tarde, numa das muitas conversas espontâneas que acontecem nas ruas do Mindelo, com cães vadios e ternurentos a deitarem-se ao nosso lado.

O PÚBLICO viajou a convite do Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design de Cabo Verde.